

MENINO NATAL

SHIRLEY BARKSDALE

Sendo filha única, o Natal era calmo demais na minha casa. Imaginei um dia me casar, ter seis filhos e um Natal cheio de energia e amor.

Encontrei o homem que tinha o mesmo sonho, mas não considerávamos a possibilidade da infertilidade. Sem hesitar, entramos numa fila de adoção e, dentro de um ano, ele chegou.

Nós o chamamos nosso Menino do Natal porque o recebemos durante o período de festas, apenas com seis dias de vida. Então a natureza nos surpreendeu mais uma vez. Numa rápida sucessão, acrescentamos dois filhos biológicos à família. Não eram exatamente tantos como esperávamos, mas, comparando com a minha infância, três crianças já formavam uma multidão inteiramente satisfatória.

À medida que crescia, nosso Menino do Natal foi deixando claro que escolher e decorar a árvore de Natal era sua tarefa. Ele se antecipava e fazia sua lista de presentes antes de terminarmos de comer o peru da festa de Ação de Graças. Ele nos fazia entoar cânticos, nossas vozes terríveis contrastando com o seu diapasão perfeito. A cada Natal ele nos enlouquecia, levando-nos a um caos de pura felicidade.

Nossos amigos têm razão ao dizer que crianças adotadas não são iguais às outras. Através de sua hereditariedade, nosso menino alegrou nossas vidas com sua disposição incontida, sua evidente sagacidade. Ele fazia com que nos comportássemos melhor do que éramos.

Mas, no seu vigésimo sexto Natal, ele partiu tão inesperadamente quanto chegou. Morreu num acidente de carro numa rua de Dênver cheia de gelo, quando voltava para casa, onde o esperavam a mulher e a filha pequena. Mas antes estivera em nossa casa para decorar a árvore, ritual que nunca abandonara.

Abalados pelo luto, meu marido e eu vendemos a casa cheia de lembranças. Mudamos para a Califórnia, deixando para trás nossos amigos e nossa congregação.

Nos dezessete anos seguintes, sua mulher se casou novamente e sua filha terminou o colégio. Meu marido e eu envelhecemos e nos aposentamos e, em dezembro de 1986, decidimos voltar a Denver.

Chegamos à cidade junto com uma tempestade de neve, as luzes da cidade iluminando a escuridão. Olhei para as montanhas onde nosso filho costumava ir na época do Natal para buscar a árvore perfeita. Estava enterrado ali, mas eu não conseguia visitar seu túmulo.

Fomos para uma casa pequena, muito diferente daquela onde tínhamos vivido. Era silenciosa, como a da minha infância. Nosso outro filho se casara, morava em outro estado e tinha agora suas próprias tradições natalinas. Nossa filha, uma artista, parecia preenchida pela carreira.

Um dia, olhava para as montanhas cobertas de neve quando ouvi um carro chegando e a insistente campainha da porta.

Lá estava nossa neta e, nos seus olhos verdes e no sorriso atrevido, vi o reflexo do nosso Menino do Natal.

Atrás dela, puxando um enorme pinheiro, a mãe, o padrasto e o meio-irmão de dez anos. Passaram por nós com uma lufada de risos, abriram uma garrafa de vinho e brindaram à nossa volta. Decoraram a árvore e empilharam lindos embrulhos de presentes sob os galhos.

- Você reconhece os enfeites? - perguntou minha ex-nora.

Eram dele; guardei-os para você.

Quando murmurei, numa dolorosa lembrança, que há dezessete anos não tínhamos uma árvore, nossa atrevida neta disse:

Então está na hora de mudar isso.

Saíram num turbilhão, empurrando um ao outro pela porta, mas pedindo-nos que fôssemos com eles à igreja na manhã seguinte e nos convidando para a ceia de Natal.

- Não, não podemos - comecei a falar.

- Claro que podem - ordenou nossa neta, mandona como o pai. - Vou cantar um solo e quero que estejam lá.

Há muito tempo havíamos desistido de assistir às emocionantes cerimônias de Natal, mas agora, sob pressão, estávamos firmes no banco da frente, segurando as lágrimas.

Chegou a hora do solo. A linda voz de soprano de nossa neta elevou-se, fervorosa e verdadeira, em perfeito diapásão. Ela cantou Noite Feliz, que trouxe amargas lembranças. Numa resposta emocional e rara, a congregação aplaudiu com prazer.

Como seu pai gostaria de viver este momento!

Fomos avisados de que haveria "um monte de gente" na ceia - mas não esperávamos trinta e cinco! Os parentes enchiam a casa.

Crianças pequenas, barulhentas e agitadas, pareciam saltar das paredes. Eu não identificava quem era filho de quem, mas isso não tinha importância. Eles nos deixaram à vontade e nos incluíram no sentimento de alegre companheirismo. Entoávamos cânticos em voz alta e fora do tom, salvos apenas pela aturdida soprano.

Um pouco depois do jantar ocorreu-me que uma família de verdade nem sempre é formada apenas pelo mesmo sangue e carne. O que importa é o que vem do coração. Se não fosse por nosso filho adotado, não estaríamos agora rodeados por estranhos que se importavam conosco.

Mais tarde, nossa neta pediu que saíssemos com ela.

- Eu dirijo - ela disse. - Há um lugar aonde gosto de ir. Ela pulou ao volante do carro e, com a confiança de quem acabara de tirar a carteira, foi em direção às montanhas. Ao lado da lápide havia uma pedra em formato de coração, meio quebrada, pintada por nossa filha artista. Na superfície desgastada ela escrevera: "Ao meu irmão, com amor." Em cima do túmulo, uma guirlanda de Natal. Nosso outro filho, soubemos, envia uma todos os anos.

Em meio a um silêncio reconfortante, apesar do frio, não esperávamos a atitude imprevista de nossa neta. Mais uma vez naquele dia ela soltou a voz, bela como a de seu pai, e, ali nas montanhas, cantou Joy to the World, que o eco repetiu diversas vezes.

Quando a última nota se ouviu, eu senti, pela primeira vez desde a morte de nosso filho, um sentimento de paz, da continuidade positiva da vida, de renovada fé e esperança. O real significado do Natal nos havia sido devolvido. Aleluia!